

# ENSINAR LITERATURA E CULTURA PORTUGUESAS A ALUNOS MIGRANTES: ESTRATÉGIAS INOVADORAS E PERSPECTIVAS CRÍTICAS PARA A PROMOÇÃO DO GOSTO E CONHECIMENTO LITERÁRIOS

[Carlos Ceia]

*Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas*

**Resumo:** O artigo discute a complexidade do ensino de Literatura e Cultura Portuguesas a alunos migrantes em Portugal, dada a crescente população de estudantes estrangeiros, que duplicou nos últimos dois anos lectivos e representa um em cada seis alunos no país. Esta situação exige estratégias inovadoras. O texto critica o estatuto curricular precário da disciplina de Português Língua Não Materna (PLNM), que continua sujeita a soluções *ad hoc* de contratação, resultando em discontinuidades e ofertas educativas muito díspares. Defende-se a criação de um grupo de recrutamento específico para PLNM no sistema educativo português. Para promover a educação intercultural, que a mera presença de diversas nacionalidades não garante, os professores de PLNM devem ter formação aprofundada em literatura mundial, para construir pontes entre a literatura portuguesa e as literaturas do mundo. Sugere-se a retextualização de textos canónicos para os níveis iniciais de PLNM (a partir de B1) e a exploração de literatura infantil e juvenil, embora não exclusivamente. A literatura é vista como o meio para formar a consciência da língua, situá-la no tempo e nos textos, e ir além de exemplos pragmáticos. Propõe-se o uso de tecnologias digitais e projectos como o "Branding the Canon" e o Atlas LITESCAPE.PT para despertar a curiosidade literária e ligar a literatura ao território. Por fim, recomenda-se explorar a literatura que retrata o português como emigrante e o estrangeiro em Portugal, criando uma ponte de identificação cultural e alívio psicológico para os alunos migrantes.

**Palavras-chave:** migração, PLNM, ensino, língua, cultura, cânone, literatura

**Abstract:** The article discusses the complexity of teaching Portuguese Literature and Culture to migrant students in Portugal, given the growing population of foreign students, which has doubled in the last two school years and represents one in every six students in the country. This situation demands innovative strategies. The text criticizes the precarious curriculum status of the Portuguese as a Non-Mother Tongue (PLNM) subject, which continues to be subject to ad hoc contracting solutions, resulting in discontinuities and very disparate educational offerings. The creation of a specific recruitment group for PLNM in the Portuguese education system is advocated. To promote intercultural education, which the mere presence of diverse nationalities does not guarantee, PLNM teachers should have in-depth training in world literature to build bridges between Portuguese literature and world literatures. Retextualization or adaptation of canonical texts is suggested for initial PLNM levels (starting at B1), along with the exploration of children and young adult literature, though not exclusively. Literature is seen as the means to shape language awareness, situate it in time and in texts, and go beyond pragmatic examples. The use of digital technologies and projects such as "Branding the Canon" and the LITESCAPE.PT Atlas is proposed to awaken literary curiosity and connect literature to the territory. Finally, it is recommended to explore literature that portrays the Portuguese as an emigrant and the foreigner in Portugal, creating a bridge for cultural identification and psychological relief for migrant students.

**Keywords:** migration, PLNM, teaching, language, culture, canon, literature

Em 28 de Agosto deste ano, ao *Diário de Notícias*, o Ministério da Educação, Ciência e Inovação informou que o número de alunos estrangeiros nas escolas portuguesas voltou a crescer e atingiu os 157 mil inscritos no último ano lectivo, o que significa que, nos últimos dois anos, o número de alunos imigrantes duplicou; actualmente, um em cada seis alunos em Portugal tem nacionalidade estrangeira: em média, uma escola portuguesa hoje tem alunos de 19 nacionalidades, com predominância do Brasil. Entretanto, o [Jornal de Notícias](#) de 11 de Setembro revelou que as escolas não podem renovar os contratos dos mediadores linguísticos e culturais, que promovem a integração de crianças imigrantes e que são fundamentais para o acolhimento dos estudantes estrangeiros.

Esta é a situação de partida deste ano lectivo de 2025-26, em Portugal. Esta complexidade cultural mudou a dinâmica das nossas salas de aula, sobretudo nos grandes centros urbanos. Onde muitos vêm aqui um problema, podemos mudar de perspectiva e ver aqui uma oportunidade de mudar positivamente a nossa escola pública. Começamos precisamente pelo lugar da disciplina de Português Língua Não Materna (PLNM). A ainda Direcção-Geral da Educação (DGE) disponibiliza orientações e recursos para o PLNM, que incluem a promoção de uma integração progressiva no currículo, através da selecção de disciplinas e do planeamento de actividades que potenciem a imersão linguística, o relacionamento interpessoal e o sentido de pertença.<sup>1</sup>

Antes de avançar naquilo que de inovador se pode fazer nesta disciplina, parece-me fundamental reclamar o seu estatuto curricular. A oferta de PLNM no currículo dos ensinos básico e secundário encontra-se prevista no artigo 12.º da Portaria n.º 223-A/2018, de 3 de Agosto, na sua actual redacção, e na Portaria n.º 86/2025/1, de 6 de Março, respectivamente. Esta última portaria contextualiza, aparentemente de forma correcta, o lugar da disciplina hoje:

(...) o Plano de melhoria da aprendizagem «Aprender Mais Agora», aprovado pela [Resolução do Conselho de Ministros n.º 140/2024](#), de 17 de Outubro, prevê acções específicas para acelerar a aquisição de competências em língua portuguesa, contribuindo para a equidade no acesso ao currículo e para a plena integração destes alunos no sistema educativo.

Este preâmbulo limita-se a descrever a gestão administrativa da disciplina e esquece o estatuto curricular precário que tem no nosso sistema e que, na minha opinião, muda tudo. Continuamos distantes da necessidade de criar um grupo de recrutamento para Português LNM e respectiva correlação com os mestrados em ensino para obtenção de habilitação profissional dos seus docentes. O PLNM não pode continuar sujeito a soluções *ad hoc* de contratação e afectação de recursos docentes como acontece até hoje, sacrificando quase sempre o já deficiente grupo 300 (Português). Há vários anos que as instituições que formam professores chamam a atenção para esta situação irregular, que leva a descontinuidades e fragmentações insustentáveis: horários “encaixados”, apoios esporádicos e rotação excessiva de professores, ensino de um currículo enviesado em que o PLNM funciona mais como “apoio” ou “reforço de Português”, em vez de um percurso com objectivos linguísticos explícitos (oralidade, leitura académica, escrita funcional, vocabulário por disciplinas), ofertas educativas muito díspares com alunos com perfis

---

<sup>1</sup> Português Língua Não Materna | Direcção-Geral da Educação, 2025, <https://www.dge.mec.pt/portugues-lingua-nao-materna>

semelhantes a receberem apoios muito diferentes consoante o agrupamento, alunos recém-chegados que ficam longos períodos a “assistir” a aulas sem compreensão suficiente, etc. O PNLM vive numa ambiguidade normativa ignorada pela tutela até hoje: sem grupo/perfil, multiplicam-se interpretações locais sobre organização, critérios e certificação, aumentando o risco de contestações e inconsistências. E ficam também por explicar as muitas formas de ensino de PLNM em contextos internacionais, que partilham o mesmo problema, não havendo uma estratégia-mãe capaz de ser referência para onde quer que se ensine Português como língua não materna ou língua estrangeira.

É ainda inexplicável que, existindo cursos de mestrado em ensino de Português Língua Estrangeira, com perfis de formação muito próximos do que se pode exigir na formação de professores de PLNM, estes diplomados não possam ter um grupo de recrutamento para concorrer. Estes diplomados são docentes que optaram por esta vocação, o que os distingue desde logo dos que são obrigados todos os anos a leccionar PLNM apenas porque são profissionalizados em ensino de Português como língua materna.

Nesta situação inexplicável em Portugal, os desafios no ensino de PLNM a alunos migrantes em Portugal são cada vez mais exigentes de ano para ano, 1) porque a população migrante aumentou, gerando turmas cada vez mais multilingues e multiculturais, 2) porque há uma taxa de abandono escolar maior neste grupo de alunos, 3) porque há uma menor taxa de alunos migrantes a chegar ao Ensino Superior, 4) porque ainda não resolvemos os dilemas linguísticos (ortografia do Português por legislar, com variantes ortográficas diferentes conforme a nacionalidade dos alunos, que são obrigados a seguir uma norma imposta pelo Governo português, que muitos portugueses - como eu - se recusam a usar). Acrescente-se: 5) falta de mecanismos de adaptação à cultura portuguesa e ao currículo escolar português, 6) e falta de clarificação prática do que deve ser o ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) e o PLNM, mesmo quando esta é verdadeira e unicamente ensinada como PLAc.

Neste contexto de muitas orientações e práticas escolares diferentes para um mesmo objectivo, como entender o PLNM como um espaço de aprendizagem do essencial sobre a língua, a literatura e a cultura portuguesas?

Há muitos bons exemplos de correcta integração de alunos migrantes no contexto escolar português. Boas práticas como a que podemos testemunhar como o projecto [RUMO](#) dinamizada por 11 escolas agrupadas da Beira Interior ou com o projecto [SHIP](#) do Agrupamento de Escolas de Silves são louváveis e podem servir de exemplo do que pode ser feito.

O caminho mais evidente destes e de outros exemplos é o da educação intercultural, se se alicerçar em princípios de partilha e valorização da cultura individual como uma oportunidade de enriquecimento pessoal. A sua implementação exige uma mudança de atitude por parte dos professores e formadores de professores, bem como uma sensibilidade especial para utilizar múltiplos recursos que facilitem a construção de pontes de coexistência entre diferentes comunidades e pessoas. Embora não seja uma grande descoberta, o Estado da Educação de 2022, produzido pelo Conselho Nacional de Educação, revela que a mera presença de diversas nacionalidades não garante a interculturalidade plena. Dito de outra forma, a diversidade de nacionalidades e idiomas nas escolas não pode limitar-se a questões enciclopédicas que ajudam à identificação do contexto cultural de cada indivíduo ou grupo de indivíduos, mas tendem a deixar de fora as diferenças mais profundas entre as várias culturas representadas. Uma educação intercultural padrão define-se sempre como um processo holístico que rejeita hierarquias culturais. Neste sentido, para que a literatura seja um veículo eficaz de

interculturalidade, os professores precisam de uma formação mais aprofundada que os capacite a ir para além das barreiras linguísticas e a explorar as complexidades culturais e identitárias dos alunos de forma abrangente. Isso obriga a conhecer, *a priori*, o repertório cultural dos estudantes estrangeiros, porque só assim se poderão construir as pontes necessárias entre a literatura de língua portuguesa e as literaturas do mundo.

## **A literatura mundial e um cânone para ensino de PNLM**

Bem sabemos que é limitado o ensino de literatura mundial nas nossas licenciaturas e a literacia literária dos professores de Português LNM neste campo é também limitada. Defendo que todo o processo de ensino da literatura de expressão portuguesa neste contexto só pode ser verdadeiramente eficaz se existir uma sólida formação em literatura mundial por parte dos professores. Nas universidades do mundo anglo-americano, é forte a tradição de estudos pós-graduados em literatura mundial, o que é raríssimo nas nossas universidades.

Uma segunda particularidade para o ensino da literatura no contexto do ensino do Português LNM é a escolha do tipo de cânone. O mais óbvio é recomendar a literatura infantil e juvenil, porque são textos com uma forte componente cultural, com remissões culturais de fácil identificação e com muitas situações de atitudes e comportamentos de acolhimento para com o Outro, especialmente na condição de migrante, que conduzem a um gosto particular mais eficaz e rápido. Mas será sempre um erro se pensarmos que apenas a literatura infantil e juvenil pode funcionar como um espelho da diversidade cultural e como a única capaz de cumprir uma função socializadora.

Uma terceira particularidade é a gestão da complexidade dos textos literários escolhidos. A melhor introdução à literatura, neste contexto de níveis iniciais de PLNM, sobretudo a partir do nível B1, pode ser mitigada através da retextualização ou adaptação de textos do cânone principal da literatura portuguesa. A adopção e o desenvolvimento activo de materiais literários retextualizados para PLNM, em conjunto com a exploração estratégica de literatura infantil e narrativas da tradição oral, podem tornar a literatura portuguesa e mundial mais acessível e apelativa para alunos migrantes de todos os níveis de proficiência. Os textos literários ajudam não só a dar forma à língua que veiculam, mas também mostram aos alunos os melhores usos dessa língua. Não é em exemplos de *corpora* que um aluno de PLNM vai aprender os usos idiomáticos e os usos mais eruditos da língua portuguesa: é pela via literária.

Uma proposta de lista de textos literários em língua portuguesa adequados ao ensino de PLNM pode ser este pequeno cânone:

- Amado, Jorge; Carybé (il.). *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*. Rio de Janeiro: Record, 1976
- Andresen, Sophia de Mello Breyner. *A Fada Oriana*. Lisboa: Portugaláia, 1958.
- Andresen, Sophia de Mello Breyner. *A Menina do Mar*. Lisboa: Portugaláia, 1958.
- Andresen, Sophia de Mello Breyner. *O Cavaleiro da Dinamarca*. Lisboa: Portugaláia, 1964.
- Ducla Soares, Luísa. *Poemas da Mentira e da Verdade*. Lisboa: Editorial Caminho, 1978.
- Gomes Ferreira, José. *Aventuras de João Sem Medo*. Lisboa: Portugaláia, 1963.
- Losa, Ilse. *O Príncipe Nabo*. Porto: Edições ASA, 1973.
- Mota, António. *Pedro Alecrim*. Porto: Edições ASA, 1990.
- Ondjaki. *A Bicicleta que Tinha Bigodes*. Lisboa: Editorial Caminho, 2011.

- Saramago, José. *A Maior Flor do Mundo*. Lisboa: Editorial Caminho, 2001.
- Vasconcelos, José Mauro de. *Meu Pé de Laranja Lima*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1968.
- Vieira, Alice. *Chocolate à Chuva*. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

E podemos acrescentar uma lista mínima de clássicos em língua portuguesa (adaptações) para jovens:

- Luís de Camões. *Os Lusíadas*. Lisboa: Officina de António Gonçalves, 1572. Adaptações e edições juvenis: selecções em prosa e edições escolares anotadas (Porto Editora; Leya/ASA; Texto), além de versões em banda desenhada (p. ex., José Ruy).
- Eça de Queirós. *A Cidade e as Serras*. Porto: Livraria Chardron, 1901. Edições escolares (PT/BR) amplamente disponíveis; há versões adaptadas e em BD no mercado português.
- Fernão Mendes Pinto. *Peregrinação*. Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1614. Adaptações em BD (autores portugueses) e versões condensadas para o 3.º ciclo/ensino secundário.

O importante aqui é usar a metodologia de ensino da literatura correcta: não usar a literatura como uma curiosidade exótica para ilustrar exemplos pragmáticos da língua ou como vozes centrais na construção de uma identidade lusófona plural, mas antes explorar activamente as diferenças e tensões entre as normas e usar a literatura de matriz africana ou brasileira para romper estereótipos e generalizações negativas, fomentando um diálogo intercultural. A literatura não serve apenas para dar exemplos de aplicação erudita da língua: é a literatura que forma a consciência da língua e que a situa no tempo e nos textos que a nossa memória há-de guardar para sempre. Dificilmente, a nossa memória vai fixar exemplos de *corpora* durante a aprendizagem inicial da língua, porque esses exemplos são usados apenas como treino elementar da competência linguística. O nosso cérebro exige mais e é capaz de guardar mais informação do que imaginamos quando aprendemos uma língua. A literatura é esse tesouro que ficará para sempre na nossa memória de aprendizagem.

## Ensinar literatura com recurso às tecnologias digitais

Hoje é impossível ignorar as tecnologias digitais particularmente na aprendizagem de línguas não maternas, mas também no próprio estudo literário de todas as formas e níveis de complexidade. Começámos pelo recurso a vídeos, mas hoje as tecnologias activas com e sem recurso a inteligência artificial (IA) levaram-nos muito mais longe e abriram-nos portas nunca antes sonhadas. A primeira regra educativa neste campo é esta: a introdução de ferramentas digitais exige sempre uma reconfiguração pedagógica. Muitos alunos migrantes serão já nativos digitais, mas não têm treino para se adaptarem linguística e culturalmente à aprendizagem de uma nova língua. De jogos lexicais e visitas virtuais a museus e locais de interesse cultural, este universo não faz parte das competências adquiridas desses alunos.

Os recursos online de acesso livre para PLN, como a <https://www.ciberescola.com> (com exercícios organizados por níveis de proficiência linguística e competências) e Ciber cursos: <https://www.cibercursoslp.com> (com aulas em PDF), são um suporte valioso, mas exigem muita supervisão por parte do professor.

Outros recursos digitais disponíveis como as Histórias de A a Z (<https://www.iniciativaeducacao.org/pt/aaz/historias-de-aaz>) podem ajudar a estimular o gosto pela leitura numa plataforma de vídeos que os alunos facilmente reconhecem, o que facilita ao professor o transporte educativo para o campo literário. E o universo digital do novo Google Arts & Culture (<https://artsandculture.google.com>) é não só uma porta aberta para conteúdos culturais, artísticos e históricos, mas também uma oportunidade para os alunos manifestarem o seu gosto crítico e produzirem eles próprios pequenos textos de opinião.

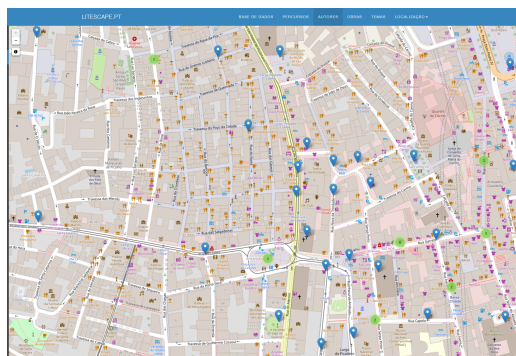
A implementação de projectos pedagógicos por via digital tem também o mérito de permitir mais facilmente aceder às culturas de origem dos alunos e promoverem assim uma interacção desejável. Um dos projectos mais interessantes de que tenho conhecimento é o europeu “[Branding the Canon](#)”, que desafia os cidadãos a geolocalizar, catalogar e comentar os materiais literários presentes em ruas, monumentos e outros suportes físicos e digitais. Na prática, é uma porta de acesso livre a autores e obras canónicas da Península Ibérica que são representados em contextos “pós-literários”, como tatuagens, *merchandising*, nomes de ruas, festivais e outros suportes físicos e digitais. O projecto funciona como uma plataforma de “ciência cidadã”, onde os utilizadores são desafiados a geolocalizar e catalogar estes “vestígios” da literatura no espaço público, tornando a pesquisa numa prática colaborativa. O projecto insere-se numa linha de investigação mais vasta, o “Canon Factory” (v. <https://canfac.sorbonne-universite.fr/en/news/call-papers>), que questiona a estabilidade e a imutabilidade do cânone literário, olhando para o cânone não como um repositório sagrado de textos inquestionáveis, mas como um produto dinâmico e multifacetado, moldado por instituições, currículos escolares e até pelos meios de comunicação social e de massa.

Esta ideia, que pode ter muita resistência de quem estuda o cânone literário de forma mais tradicional, pode ser uma metodologia didáctica que funciona como um bom ponto de partida para quem, já num nível B1, pode querer conhecer alguma coisa da literatura da língua que estuda como não materna, mas tem ele(a) próprio(a) uma enorme resistência ao estudo da literatura em geral. Esta metodologia funciona como um *descomplicador*, digamos assim, para podermos mais tarde chegar aos textos originais ou adaptados.

O professor pode começar a aula mostrando uma imagem da estátua de Fernando Pessoa no Chiado e “andar” um pouco até à estátua de Camões no Largo de Camões e um pouco mais abaixo chegar à estátua de Eça de Queiroz. Num espaço reduzido, que muitos reconhecerão ou que poderão ser convidados a conhecer ao vivo, as estátuas e os lugares que guardam as memórias desses escritores seriam o “descomplicador” que ajudaria a chegar à curiosidade por ler algum texto desses escritores. O professor aproveita e pergunta aos alunos que estátuas de escritores conhecem dos seus países, onde se situam e quem são esses escritores. Uma breve consulta na Internet pode ajudar quem não souber responder, porque aqui o que interessa é criar uma ponte que nos leve aos autores e aos textos originais. A seguir pode-se investigar nomes de ruas que sejam de escritores nacionais e seguir a mesma metodologia.

Um outro projecto muito interessante e de forte poder didáctico é o projeto LITESCPE.PT – Atlas das Paisagens Literárias de Portugal Continental, em parceria com o IHC – Instituto de História Contemporânea (FCSH), a *Fabula Urbis* e a Fundação Eça de Queiroz. Nos seus objectivos, destaco que pretende “(1) ligar a literatura ao território, potenciando a recíproca valorização das obras literárias e das paisagens nelas representadas; (2) contribuir para o conhecimento do património natural e cultural, elementos-chave das identidades locais e regionais” (v.

<https://paisagensliterarias.fcsh.unl.pt>). Continuando com o exemplo dos autores portugueses cujas estátuas descobrimos em Lisboa, podemos visitar o excelente Atlas LITESCAPE.pt e ver, por exemplo, que marcas de Eça de Queiroz existem identificadas em Lisboa:



<https://litescape.ielt.fcsh.unl.pt/autores/12>

Neste mapa, podemos fazer mil e uma coisas para chegarmos mais facilmente à curiosidade de ler Eça de Queiroz, por exemplo. Muitas vezes, é esse o caminho mais difícil: vencer a resistência inicial a qualquer incursão literária. Se pudermos chegar à curiosidade pelo texto original que mais tarde se há-de manifestar por uma via mais interactiva digitalmente, não devemos rezear o tempo aqui investido.

Outra possibilidade: podemos explorar o local onde habitamos, o local da nossa escola ou um outro local de interesse geral que todos os alunos possam reconhecer. Será certamente um sucesso escolher um local bem conhecido por razões desportivas ou musicais. O potencial deste Atlas não é só para o PLNM, mas, a este nível, é uma excelente porta de acesso a um conhecimento mais completo das representações literárias nos espaços geográficos que habitamos.

Uma última sugestão: nunca nos devemos esquecer de que, se hoje somos um país de acolhimento de muitos imigrantes, já fomos, até há 50 anos, um país de grande emigração. Temos, pois, uma memória colectiva sobre a mobilidade dos indivíduos que vão de um lugar ao outro pelas mais variadas razões que está inscrita na nossa literatura e que pode ser uma boa moeda de troca cultural: nós já fomos emigrantes, sabemos por isso o que significa vocês, alunos imigrantes, estarem aqui hoje e sabemos reconhecer o valor do que deixaram para trás. A nossa missão é agora fazermos sentir que a nossa cultura é um novo espaço de acolhimento aonde todos pertencemos. Como fazer passar esta mensagem? Como podemos comunicar aos alunos imigrantes que não se trata de diplomacia gratuita? Mostremos o caminho literário português que está repleto de representações do português como emigrante.<sup>2</sup>

Há muitos registos de escritores estrangeiros que se colocaram na posição ou de imigrante ou de turista e trouxeram para a sua literatura registos muito interessantes sobre o que é ser estrangeiro em Portugal. Também aqui podem encontrar mil exemplos

---

<sup>2</sup> Ver também: María Jesús Fernández García, “Imigrantes na narrativa portuguesa contemporânea”, *HispanismeS* [Online], 1 | 2013, Online since 01 March 2013, connection on 02 September 2025. URL: <http://journals.openedition.org/hispanismes/10680>. Encontrarão aqui muitos exemplos de textos literários portugueses sobre a figura do imigrante. Com a necessária contextualização e lição de cultura portuguesa apropriada, há aqui matéria suficiente para dar bons exemplos de aculturação que facilmente podem ser aproximados de muitas situações actuais dos alunos que estão hoje imigrados em Portugal.

com os quais os nossos alunos imigrantes facilmente se identificarão.<sup>3</sup> De alguma forma, recomendo vivamente que o professor de Português LNM (e também LE) possa ter este conhecimento literário não só das representações do emigrante português na nossa literatura, mas também do visitante estrangeiro que nos vem observar e retratar literariamente. Daqui podemos extrair processos simples de identificação cultural que funcionam como um alívio psicológico muito forte: o aluno estrangeiro saberá que não está nessa condição sozinho, que outros já tiveram essa experiência e que é perfeitamente possível guardá-la como uma boa memória e como uma aprendizagem para a vida. A literatura tem esse poder e não o devemos dispensar nunca, qualquer que seja o lugar onde hoje habitamos.

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo, os estudos de Carlos Ceia: “O miradouro intercultural: *The Moon, Come to Earth*, de Philip Graham” (disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/4903/1/REAP19.pdf>); “Como escrever um romance sem romance: Gordon Burn’s *Born Yesterday: the news as a novel*” (disponível em: <https://novaresearch.unl.pt/en/publications/como-escrever-um-romance-sem-romance-born-yesterday-the-news-as-a>); “A estranha geografia de Portugal em *The High Mountains of Portugal*, de Yann Martel” (disponível em: <https://research.unl.pt/ws/portalfiles/portal/17645622/REAP28.pdf> 38 57.pdf); “Portugal como fim do mundo em *Where are the Snows*, de Maggie Gee” (disponível em: <https://novaresearch.unl.pt/en/publications/portugal-como-fim-do-mundo-em-emwhere-are-the-snowsem-de-maggie-g>).